

Terror Zine - Especial: O Gato Preto - nº 27

TERRORZINE

Ademir Pascale e Elenir Alves - organizadores



GATO PRETO

Uma Homenagem à Edgar Allan Poe

EDITORIAL

Por que Edgar Allan Poe (1809-1849) escreveu o conto "O Gato Preto" (1843)? Porque certamente ele sabia que num período da Idade Média surgiram boatos de que os gatos pretos eram companheiros fiéis de terríveis bruxas. Naquela época o negócio foi tão sério, que o papa Inocêncio VIII incluiu estes pobres (?) felinos em sua lista de seres hereges que deveriam ser perseguidos pela Inquisição. Algo que ecoou pelos séculos, por isso temos medo e associamos os gatos pretos com o azar. Afinal, é impossível imaginar uma bruxa sem um gato preto perambulando ao seu lado.

No meio literário, Poe foi e ainda é o principal influenciador do meu trabalho no mundo da literatura, do qual tive o prazer de organizar, juntamente do escritor Maurício Montenegro, o livro "Poe 200 Anos - Contos Inspirados em Edgar Allan Poe" (All Print, 2010).

Espero ainda produzir outros livros impressos relacionados ao grande mestre do horror, mas enquanto não surge a oportunidade, resolvi convidar um grupo seleta de autores para compor esta edição especial do TerrorZine, intitulada "O Gato Preto", uma homenagem, claro, ao grande Edgar Allan Poe.

A bela capa desta edição foi elaborada pelo escritor e capista Marcelo Bighetti, amigo do qual, juntamente do escritor Daniel Borba, estou desenvolvendo vários trabalhos. Confesso que fiquei impressionado e arrepiado com o resultado final desta edição. Tive muito prazer em convidar cada autor e ler e diagramar cada um destes excelentes minicontos.

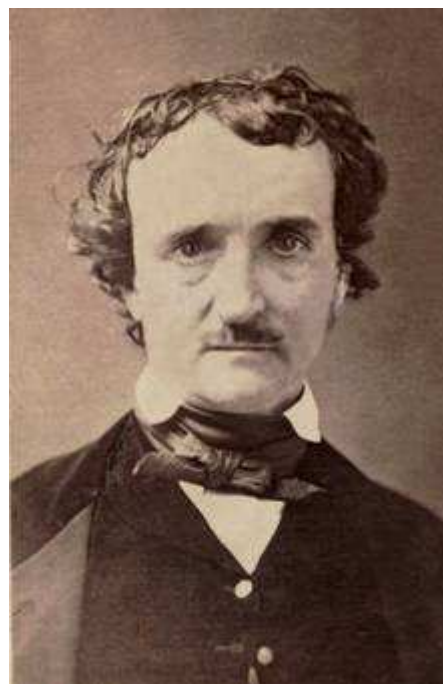
Espero que o leitor sinta o mesmo que senti ao ler estas páginas.

Boa leitura.

Ademir Pascale
Editor e Organizador



Para dicas ou opiniões, entre em contato: ademir@cranik.com. Teremos prazer em respondê-lo.





SUMÁRIO

Cláudio Parreira	(Cemitério dos gatos).....	04
Daniel Borba	(Sete vidas).....	05
Danny Marks	(Silêncio).....	06
Duda Falcão	(O Gato e o escritor).....	07
Evandro Guerra	(Centenas).....	08
Georgette Silen	(As duas vidas de Plutão).....	09
Gian Danton	(O olho do gato).....	10
Gus Rimoli	(O livro de Grael e os gêmeos).....	11
Luciana Fátima	(As cores da insanidade).....	12
Marcelo Bighetti	(Medo).....	13
Mauricio Montenegro	(Uma visão).....	14
Miriam Santiago	(O gato).....	15
O. A. Secatto	(A efígie de Edgar).....	16
Renato Alves	(Encruzilhada macabra).....	17
Arte do Leitor	(Conheça a arte do leitor TerrorZine).....	18
Dicas de Livros	(Dicas de livros do TerrorZine).....	19
Divulgue Conosco	(Divulgue com quem realmente entende do assunto).....	21
Créditos	(E-mails, Twitter dos editores e créditos finais).....	22





Cemitério dos gatos

Cláudio Parreira

Já faz algum tempo que percebo que aquele gato me observa. Ele é grande, preto, mas o que me incomoda de fato é o seu olhar: parece que sabe o que estou fazendo.

Quando transformei o meu quintal num cemitério de gatos, não dei pela sua presença. Talvez tenha estado ali, sobre o muro, desde sempre. Os grandes olhos reprovadores pousados em mim. Não posso mais enterrar um maldito gato sequer que sinto o seu olhar às minhas costas. Como se fosse o meu juiz.

Enterro gatos pelo simples fato de odiá-los. Nada mais. A esse preto, então, mais ainda. Por isso sua cova já está preparada. Só falta pegá-lo.

Na manhã escolhida para o desfecho, não o encontrei sobre o muro. Senti raiva e, estranhamente, medo, uma sensação desconfortável. Subi eu mesmo para o lugar que ele costumava ocupar e vi a cova. Logo em seguida, dedos grossos agarraram meu pescoço e fui lançado violentamente contra o chão. A última cena que vi foi a do que eu pensava ser meu rosto, sorridente, lançando terra sobre o meu corpo. Antes de fechar os olhos, admiti, amargamente: eu era o gato.

Cláudio Parreira é escritor e jornalista. Foi colaborador da *Revista Bundas*, do jornal *O Pasquim 21*, *Caros Amigos* online, *Agência Carta Maior*, entre outras publicações. Participou de diversas coletâneas de contos e é autor do romance *GABRIEL*, lançado recentemente pela Editora Draco. Mantém o BLOG PPC! <http://claudioparreira.blogspot.com/>, e @ClaudioParreira é o seu perfil no Twitter.





Sete vidas

Daniel Borba

No começo, tudo que eu recebia dele era carinho e afeição. Não fui capaz de compreender como, de uma hora para outra, passei a ser tratado com desprezo e repugnância. Coisa de humanos.

Então, eu me cansei.

Sete vidas eu tinha.

Perdi a primeira junto com um de meus olhos. A lâmina que feriu meu olho perfurou meu cérebro e tirou-me uma vida. Mas sobrevivi.

Perdi a segunda ao ser cruelmente enforcado. Completamente sem aviso, fui agarrado, violentado e preso ao tronco de uma árvore. Mas sobrevivi.

Perdi a terceira logo em seguida, após escapar da árvore e provocar o incêndio. Uma parede caiu sobre mim, esmagando-me. Mas sobrevivi.

A quarta eu quase perdi na adega, pela lâmina de um machado. Por pouco, não a perco por falta de ar, após ter sido emparedado ao lado da mulher.

Agora ainda me restam quatro vidas. Mais do que suficiente para me vingar daquele que traiu minha confiança.

Afinal, ele só tem uma vida.

Daniel Borba é blogueiro e escritor. Já participou das antologias *Metamorfose 2: Os Filhos de Licaão* (2011, Ed. Literata), e *Passado Imperfeito* (2012, Ed. Argonautas). Organizou a antologia *2013: Ano Um* (2012, Ed. Ornitórrinco). Escreve sobre FC&F em seu blog: <http://www.alemdasestrelas.com>.





Silêncio

Danny Marks

Existem muitas coisas que você não sabe. A melhor de todas é: o quanto isso é bom para você.

Alguns abominam o silêncio. Julgam que toda verdade é libertadora e que deve ser proferida em altos brados, estampada em jornais e revistas, disseminada pelo ar nas ondas da quimera eletrônica.

Pense.

Quantas vezes na sua vida uma verdade dura e cruel trouxe liberdade ao ser proferida sem escrúpulos, sem medo?

Quantas mentiras solidárias realmente se tornaram insustentáveis?

Silêncio.

O silêncio é como um gato preto.

Os olhos faiscantes no escuro, o andar macio imperceptível. Ágil e flexível. Imprevisível. Um susto, um salto. Rápido.

Infalível.

Existem muitas coisas que você não sabe, mas não fale sobre isso e nada lhe acontecerá.

Porque o silêncio não comete erros.

Danny Marks é autor do *Universo Subterrâneo* (Ed Multifoco) e dOs Retratos da Mente (na blogosfera) é professor de Técnicas de Redação e Literatura; formando novos visionários para um mundo louco e criando novos loucos para mundos visionários.

Se decidir quebrar o silêncio, mande email para dannymarks63@gmail.com e aguarde a resposta aos seus atos.





O gato e o escritor

Duda Falcão

Trevosos como a noite. Escuros. Sombras de dia. Manchas negras sobre os telhados. Eclipses lunares. Leves. Sagazes. Astutos. Charmosos ao andar. Deveriam ser carta de tarô. Dotados de sexto sentido. Aprendizes de bruxa. Afilhados de Bastet. Esguios, belos e de ar místico. Boêmios e convidativos como na arte de Toulouse-Lautrec. Assim é o bando negro da madrugada.

Caolho. Único. Especial. Emparedado. Doméstico. Lá está ele aprisionado com a vítima. Denunciador do crime. Estopim da loucura do assassino. Pobre gato preto que saltou da mente de Poe. Infeliz felino. Na literatura, o mais famoso do horror. Ficção: alucinação de um poeta. Luz de uma mente brilhante. Inesquecível leitura fantástica nas noites frias inverniais. Um escritor e um gato. Um gato e Poe: faces distintas da mesma moeda. Entre eles: um corvo!

Duda Falcão é escritor, um dos editores da Argonautas e um dos organizadores da Odisseia de Literatura Fantástica.





Centenas

Evandro Guerra

Há quem crê que gato preto seja sinônimo de mau agouro. Vânia tem motivos de sobra pra contestar.

Naquela noite ventosa, o culto havia passado do horário habitual, já era mais de 23 hs quando Vânia voltava sozinha pelas ruas desertas abraçada com sua Bíblia. De repente, som de passos firmes ecoou em seus ouvidos. No que olhou para trás, avistou dois homens com cara de poucos amigos. Sentiu que estava em perigo. Apressou o andar. Eles a copiaram. Seu coração acelerou. Estava quase correndo agora. As casas ao redor estavam fechadas e com as luzes apagadas. Sentiu-se como se estivesse sozinha na cidade com aqueles dois.

Ao passar de frente ao cemitério, percebeu que a corrente que prendia o portão estava frouxa, deixando assim um pequeno vão. Espremeu-se e adentrou. Para seu desespero, a dupla também conseguiu passar pelo vão. Apavorada, a mulher correu entre as sepulturas. Esbaforida, sem forças pra continuar, ela parou. Foi alcançada. Rindo, um dos bandidos abriu o zíper da calça. Vânia passou a choramingar. Abraçou a bíblia e começou a rezar.

— Deixa disso e venha cá mulher! — Bradou um deles, pegando-a pelo braço.

Neste momento, um miado fino se pode ouvir. Quando olharam na direção do som, avistaram um gato preto por sobre uma lápide.

— Saia daqui, gato vira-lata! — Disse um deles e, sacou um revólver. Apontou e atirou no felino. Este caiu por detrás da lápide. Os maus feitores riram, mas, no segundo seguinte, o gato saltou e voltou a ocupar o lugar em que estava antes do tiro.

Espanto. Olhos arregalados. Incompreensão.

De repente, dezenas, dúzias, depois centenas de gatos pretos surgiram vindo das sombras do cemitério. Todos tinham um brilho sobrenatural, amarelado nos olhos. Fizeram um cerco nos humanos, no entanto, quando atacaram, se direcionaram apenas aos bandidos. Disparos foram efetuados, contudo, nada podia salvá-los.

Enviados do céu ou do inferno? Isso Vânia não sabia, e tanto importava. Ela se afastou e ficou por alguns segundos olhando aquele montueiro de gatos despedaçarem a dupla de marginais a unhas e mordidas. Os gritos deles decerto poderiam ser ouvidos por quilômetros. Abraçada a sua Bíblia, Vânia deixou o local. No dia seguinte bem cedo, em uma feira de animais abandonados, ela adotou um lindo gato preto já adulto. Satisfeita, ela o carregava no colo como se carregasse um bebê, e nem viu quando os olhos do felino adquiriram um brilho sobrenatural, amarelado.

Evandro Guerra é escritor e desenhista, pai de dois filhos. Email: evandroguerra@ymail.com.





As duas vidas de Plutão

Georgette Silen

A ferida aberta pela maldade dos homens manchava de vermelho meu pelo branco. Abandonado naquele beco, com o frio da noite se misturando ao da morte, observava o lado de lá da vida, para onde iria em breve, quando, descolando-se das sombras, outro como eu surgiu, de pelo negro e um olho vazado, grande e elegante. Encarou-me, com um quê de sobrenatural. Não vivia mais do lado de cá da vida — disse-me, lambendo os bigodes —, mas precisava se vingar da maldade nela. Eu também. Selamos um acordo banhado no sereno, e sua essência morta trouxe de volta a minha centelha. Levantamo-nos, negro e branco. Duas mentes habitando um só corpo. Encontramos o homem que o outro procurava num antro infame, embriagado. Com raiva nos deitamos sobre um barril de genebra. O homem nos viu e, atraído ao extremo, decidiu-se a nos levar. O outro em mim conhecia o caminho.

'Meu nome é Plutão' — se me apresentou ao chegarmos a casa. Com um salto alcançamos o colo da senhora, que de imediato nos amou. E com nosso único olho miramos o homem, que empalideceu.

'Seu pavor está apenas começando' — sussurrou Plutão, enquanto miei deliciado...

Georgette Silen é arte educadora e professora de teatro. Escritora de fantasia, é autora dos livros *Lázarus* (NovoSéculo, 2010), *Apenas Uma Taça - Um Brinde ao Mestre Stoker* (Editora Estronho, 2011), *As Crônicas de Kira e Fábulas ao Anoitecer* (Giz Editorial, 2012). Contatos: missgette@yahoo.com.br, Twitter: [@georgettesilen](https://twitter.com/georgettesilen).





O olho do gato

Gian Danton

Meu amor por Helena era doentio. Eu não me contentava em ser amado por ela, queria tê-la total e exclusivamente para mim. Assim que casamos, passei a exercer um tremendo controle sobre ela. Consegui separá-la dos amigos e da família. Eu a proibi de sair de casa, pois a simples ideia de dividi-la com alguém era mais do que meu egoísmo poderia suportar.

Helena passava os dias em casa, longe de tudo e de todos, devotada apenas a mim. Ou quase.

Minha esposa tinha um gato ao qual dedicava todo o carinho que lhe era negado por seu isolamento. Ele se ligou cada vez mais ele a ponto de não se separar do animal asqueroso por um único minuto, a não ser quando eu o enxotava. Ela então abaixava a cabeça, submissa e resignada, o que aumentava ainda mais o meu ódio. Decidi matá-la, jogando-a da janela do prédio e o fiz.

Os vizinhos acreditaram em minha versão de que minha esposa se suicidara em decorrência da depressão e eu estava certo de que também a polícia o faria. Quem poderia imaginar que eu, um homem bem-sucedido, amigo do governador, cometeria tal crime?

No entanto, o gato me olhava. Tentei matá-lo diversas vezes, mas era paralisado por seu olhar acusatório. O seu olhar era um espelho que refletia meu remorso, um espelho pronto a se quebrar em mil pedaços, como o vidro da janela.

O chão está se aproximando e começo a perder os sentidos, mas ainda continuo a ver o olhar acusador.

Gian Danton é roteirista de quadrinhos desde 1989, sendo autor da premiada graphic novel *Manticore*. Autor da série infantil *Mundo Monstro* (ed. Infinitum). Tem participado de diversas antologias, entre elas *Rumo à fantasia* (Devir), *Espectra*, *Metamorfose II* (Literata). Atualmente é professor da Universidade Federal do Amapá.





O livro de Grael e os gêmeos

Gus Rimoli

Olharam dentro da bacia. Recuaram com um pulo. Não quiseram se certificar se os rostos distorcidos pela água agitada eram os seus próprios ou os dos espíritos ancestrais invocados para lhes servirem, mas era certo que, antes de se deitarem, o velho livro ficaria melhor dentro da caixa de madeira.



Cavaram com cuidado para não quebrarem o ovo. Foi inútil. Mas teria sido de todo jeito, pois o fedor era típico. Consolaram-se, dizendo que não se poderia afirmar, só olhando e cheirando, que o feitiço tinha falhado. Quanto ao embrião, fosse ele ainda um simples pinto ou já um demônio da fortuna, era certo que, antes da casca se partir, já estava morto há dias.



Seguiram os miados pelas vielas de terra, com bonecas sem cabeça e carrinhos sem rodas espalhados. O local não era seguro, mas era difícil achar gatos pretos à noite. Arriscaram. Afinal, o livro dizia que seus ossos cozidos dariam o poder da invisibilidade. Os gritos do gato despertaram o sentinela armado. Não se pode afirmar se o gato era de fato preto, tampouco se o feitiço teria funcionado, mas era certo que, depois daquela noite, os gêmeos jamais foram vistos.

Gus Rimoli adora escrever! A literatura é um de seus maiores prazeres... e dentre todos os seus prazeres literários, escrever mini-contos pro Terrorzine é o que mais lhe satisfaz no momento!





As cores da insanidade

Luciana Fátima

O vapor que escapava da boca, enquanto caminhava pela rua deserta, denotava o frio daquela noite escura. A um olhar mais atento, vislumbrou esferas verdes brilhantes no meio dos arbustos da praça abandonada. A curiosidade venceu o medo e abaixou-se para encontrar, no meio da escura pelagem, as duas esmeraldas cintilantes. Um instinto protetor gritou alto em seu íntimo e envolveu o minúsculo bichano nos braços. Estranha coincidência, pensou. O horóscopo da sexta-feira 13 dissera para tomar cuidado com o gato preto, mas nunca tivera tanta sorte quanto naquele dia. Sem pestanejar, elegeu-o como o companheiro que dividiria sua vida vazia. Dentro da kitnet, não encontrando lugar adequado, decidiu colocá-lo para dormir em sua cama. Satisfeito e aquecido, o animal permaneceu imóvel. Ao raiar do dia, não encontrou o pequeno entre as cobertas e, de um salto, foi parar no teto. Antes da total dominação pelo horror, do alto entreviu um rapaz nu com inexplicáveis e dementes olhos verdes; horrendas garras e medonhos dentes pontiagudos, dilacerando seu próprio corpo, em meio a uma poça de sangue que contrastava com o branco do lençol.

Luciana Fátima é fotógrafa e escritora, nasceu em São Paulo. Mestre em Comunicação, é coautora de "Diálogos com a Cidade", projeto pelo qual publicou o livro de fotografia & poesia "Carinhas(os) Urbanas(os)". Possui contos em várias antologias e em sites literários, sendo também autora do livro "Álvares de Azevedo: o poeta que não conheceu o amor foi noivo da morte".





Medo

Marcelo Bighetti

Após um banho relaxante Sillas joga-se em sua cama e, enquanto aprecia o agradável perfume de seu desodorante recém aplicado, recorda o quão tumultuado fora seu dia. Na escuridão do quarto contempla os brilhantes adesivos em forma de estrela colados no teto. Ao olhar a constelação de Órion, sente uma presença a seu lado que faz seu corpo arrepiar-se completamente. Um calafrio percorre sua espinha e o terror toma conta de seu ser. Naquele momento de desespero, enquanto tenta se mover, a escuridão torna-se densa e as estrelas não brilham mais. Seu coração bate mais rápido. O esforço para tentar levantar-se e acender a luz o faz suar intensamente. Em meio a esta luta, escuta o ruído de algo se arrastando ao lado da cama. Um hálito quente penetra suas narinas quando em desespero total sente algo tocar-lhe o braço. Um toque felino.

Não conseguiu gritar.

Marcelo Bighetti nasceu em 1968. Casado com Adriana desde 1995 é pai de quatro filhos. Adora *Star Trek*, Astronomia e Física Quântica. Além de designer é leitor compulsivo desde menino. Possui sete contos publicados. Seu blog www.marcelobighetti.blogspot.com.





Uma visão

Mauricio Montenegro

A moça sentada no meio fio usava um jeans justíssimo que realçava suas curvas, uma camiseta com o desenho de um gato preto e tinha os olhos negros sombreados de modo a destacar a palidez da pele. Era a única que estava dentro do cordão de isolamento, então imaginei que poderia ser da família do casal que sofreu o acidente. Detesto acidente com motos. Que diabos! Detesto qualquer tipo de acidente. Mas os que envolvem motos são piores!

— Ei, Policial! — disse caminhando na direção dos corpos. — Tire essa moça daqui e afaste essa multidão. Ele falou algo que não entendi e colocou as mãos na cintura como um cowboy saído de algum filme de Sergio Leone. Dei de ombros enquanto seguia em frente. Um bombeiro veio em minha direção.

— Duas vítimas chefe! Acidente frontal. Uma quebrou o pescoço. O caminhão passou em cima da cabeça da outra.

Ouvi isso pelo rádio, disfarcei e não disse nada. Parece que hoje em dia todo mundo gosta de repetir o que os outros falam. Os corpos já estavam cobertos, fiz sinal para removê-los.

Estava ajudando a recolher um dos corpos quando percebi o jeans justíssimo, uma camiseta branca com o desenho de um gato preto com olhos enormes e o nome POE em letras góticas. Então entendi o que o outro policial havia dito. Ele me fez uma pergunta: *Que moça?*

Mauricio Montenegro organizou em parceria de Ademir Pascale a Coletânea *POE 200 Anos – Contos Inspirados em Edgar Allan Poe* (Editora All Print). Participou na Coletânea *Metamorfose – A Fúria dos Lobisomens* (Editora All Print) e na Coletânea *Estranhas Invenções* (Ed. Ornitorrinco). Ele mora em São Paulo com a esposa e um filho.





O gato

Miriam Santiago

Estava no segundo ano da graduação de História quando ganhei um lindo gato preto de aniversário. O gato era enorme e tinha olhos cor de mel, impressionantes.

O gato, por sua vez, não me largava o tempo inteiro, era de irritar.

Estava numa noite fria de inverno quando eu comecei a pesquisar sobre Bastet, a deusa gata da mitologia egípcia. A história me encantou e não notei quando o gato estranhamente ficou me encarando e seus olhos, agora imensos e profundos, me hipnotizaram. Fui me largando na cadeira, meu corpo ficando pesado e minha mente divagando...

Não notei quando a bela mulher negra entrou e me levou para a cama. Ela era maravilhosa e eu me senti em outro lugar, não era o meu quarto e nem minha casa, era um palácio com muitos tapetes e cortinas brancas e estatuetas ornavam o ambiente.

Acordei com o sol batendo em meu rosto. Estava exausto e com a energia sugada.

— Você está horrível, o que aconteceu? — disse minha namorada segurando duas garrafas de vinho deixadas no criado-mudo e apontando para os lençóis rasgados.

Tentei falar-lhe, mas seria em vão. Olhei para o cesto em um canto do quarto e lá estava ele, mas que na verdade era ela, a minha misteriosa gata preta, que ocultava um segredo que só eu poderia compartilhar.

Miriam Santiago é jornalista, trabalha em Assessoria de Comunicação e é formada em Letras. Publicou nos livros: "Livro Negro dos Vampiros"; "A Mulher Japonesa Imigrante"; "Histórias de uma Noite de Natal"; "No Mundo dos Cavaleiros e Dragões"; "Sobrenatural"; "Metamorfose II: Os Filhos de Licaão" e escreve para a Revista TerrorZine. Seleccionada para o "Momento do Autor", da Prefeitura de Santos, a ser lançado dia 20/5/2012.

Blog: miriammorganuns@hotmail.com/

<http://miriammorganuns.blogspot.com>. Contato: miriansssantos@gmail.com.





A efígie de Edgar

O. A. Secatto

A memória de meu pai morto sempre me assombrou; desde pequeno. “A única coisa de bom que seu pai fez foi você, Edgar”, dizia-me minha mãe. “Todo o mal que ele pôde ele fez, meu filho. Ele buscou poder onde não devia. Mas felizmente não encontrou.” Ele morrera quando eu tinha poucos meses. Eu estava no Cemitério Velho com mais umas poucas pessoas; era o enterro de minha pobre mãe, que me protegera de meu pai naquela noite em que ele morreu misteriosamente. Mas os sonhos durante todos esses anos me revelaram que ele sussurrou algumas palavras em meu ouvido numa língua estranha antes de ser expulso por minha mãe. Sinto que algo dele vive mais em mim por causa daquelas palavras. Isso me assusta, sempre me assustou. Mas agora, com minha mãe morta, ainda mais. Ao voltar para o carro, senti algo roçar minhas pernas. Um gato preto. Ele tinha uma coleira, mas correu quando tentei ler-lhe o nome. Segui-o até uma cripta ali perto. Já entardecera, e a noite parecia engolir a alegria e a vida que acompanhavam a luz do dia. Com muita hesitação desci as escadas e entrei. Algumas velas acesas tremulavam e davam ao túmulo um ar macabro. O gato começou a roçar os pés de uma efígie. No alto, a placa gravada no mármore me deu um nome conhecido, o mesmo que estava na coleira. A porta se fechou sozinha; as velas apagaram e levaram consigo a luz de minha sanidade. Na treva, pude ouvir uma voz, a mesma dos meus sonhos. “Oi, filho.”

O. A. Secatto nasceu em Fernandópolis, São Paulo, em 1981. Publicou em vários livros, entre eles *Moedas para o Barqueiro*, *Jogos Criminais* e *Entrelinhas*, da Andross Editora, *Poe 200 Anos: Contos Inspirados em Edgar Allan Poe* e *No Mundo dos Cavaleiros e Dragões*, da All Print Editora, e *Metamorfose II*, da Editora Literata. Mantém o site www.oasecatto.com.br e o blog oasecatto.blogspot.com.





Encruzilhada macabra

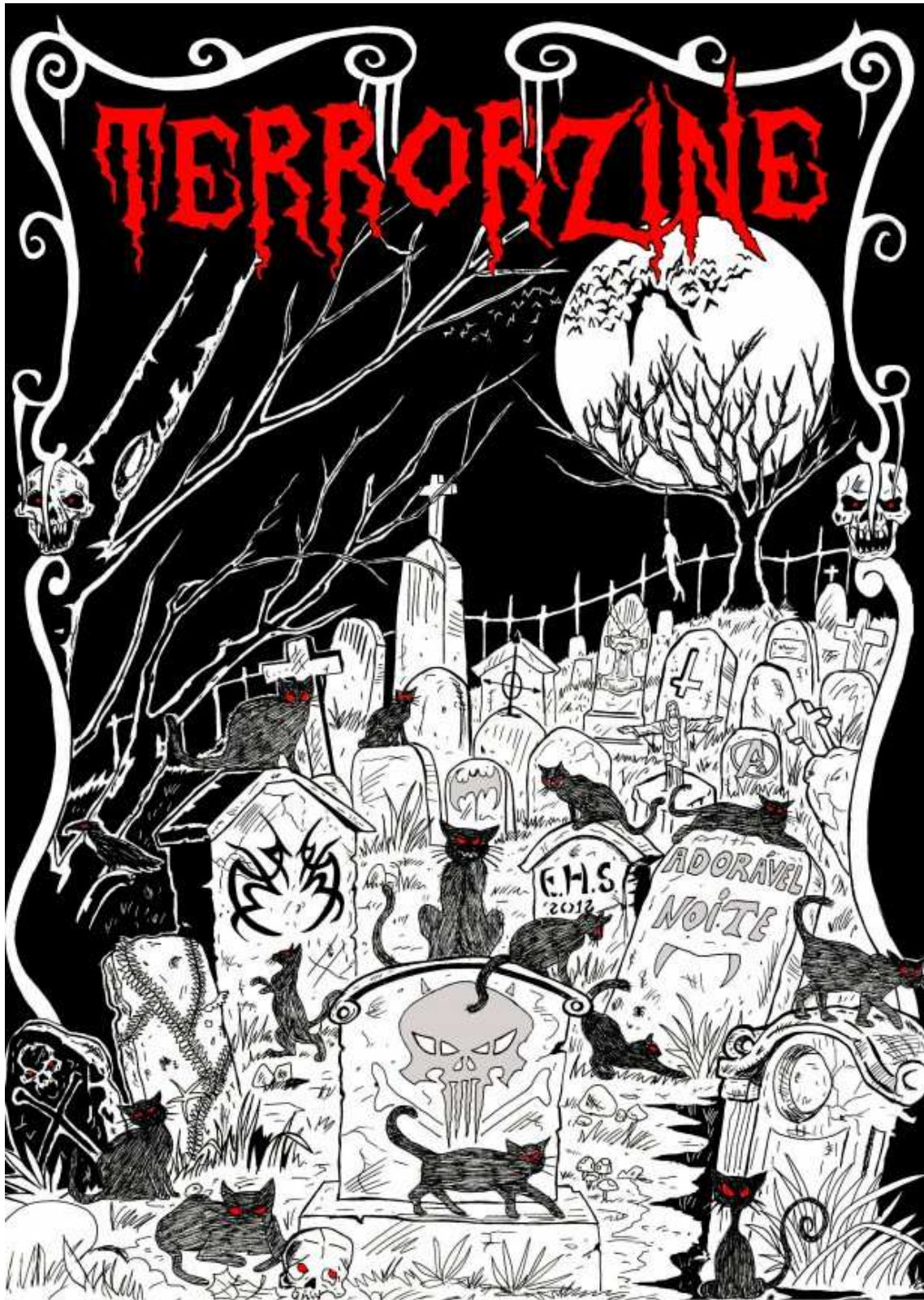
Renato Alves

Gritei! A dor da bala metálica entrando em meu coração, foi imensa. Perguntei-me na hora: — *Por que em plena sexta-feira 13 fui passar nessa encruzilhada? Ainda mais à meia noite?* O cérebro começa a perder o foco. A respiração falha. Lembro-me dos fatos que me trouxeram aqui, hoje. Minha pequena experiência na vida impede de sair sozinho ou à noite. Entretanto, que rebelde seria eu se não pulasse a janela sem que ninguém percebesse? Nem minhas unhas, e muito menos meu afinado olfato, me ajudam agora. Sou eternamente grato ao meu sensato e ingrato sentido de viver livre, mesmo que com ele venha a aflição que estou sentido neste exato minuto. Outra bala penetra em meu corpo; desta vez atinge a barriga. Meu coração irá parar em segundos, meu cérebro está dando adeus à minha sanidade. Caio no chão, as forças físicas foram embora. A última pergunta que me faço vivo: — Por que esse maldito garoto, com gato branco nos braços, atingiu-me com o seu revólver? Será que ele não sabia que essa era minha sétima vida? Os meus pelos pretos o fizeram sentir medo? Ou foi meu bigode, ainda não grosso o suficiente, que não o fez temer-me? A moto que me atropela alivia minha agonia de vez. Meu grito agora é de alívio, com a chegada da morte.

Renato Alves realizou dois curtas-metragens “O Caminho” e “O Crime do Pacote” que participaram de diversos festivais de cinema no Brasil (inclusive Festival de Gramado) nos anos de 1997 e 1998. Trabalhou também na Redação da Revista de Cinema e no Projeto Arrastão como professor de Cinema. Atualmente cursa licenciatura em História. Twitter: @renatocinefilo. Blog: www.renatocinema.blogspot.com.



ARTE DO LEITOR



Arte elaborada por Evandro Guerra. Email: evandroguerra@ymail.com.

DICAS DE LIVROS



POE 200 ANOS – CONTOS INSPIRADOS EM EDGAR ALLAN POE

Ademir Pascale e Maurício Montenegro
(org.)

“Poe 200 Anos - Contos Inspirados em Edgar Allan Poe” reúne 22 autores que comemoram o segundo centenário de nascimento do escritor Edgar Allan Poe. Os contos dessa coletânea são inspirados nos contos e poemas como Berenice, O Corvo, O Gato Preto, A Queda da Casa de Usher, O Coração Delator e outros. Suspense, mistério e terror é o que o leitor encontrará nesta obra organizada pelos escritores Maurício Montenegro e Ademir Pascale.

Valor: R\$ 27,00

Páginas: 140 – All Print

Para adquirir o livro, acesse:
www.livrariacultura.com.br

CONTOS OSCUROS DE EDGAR ALLAN POE

Bráulio Tavares (org.)

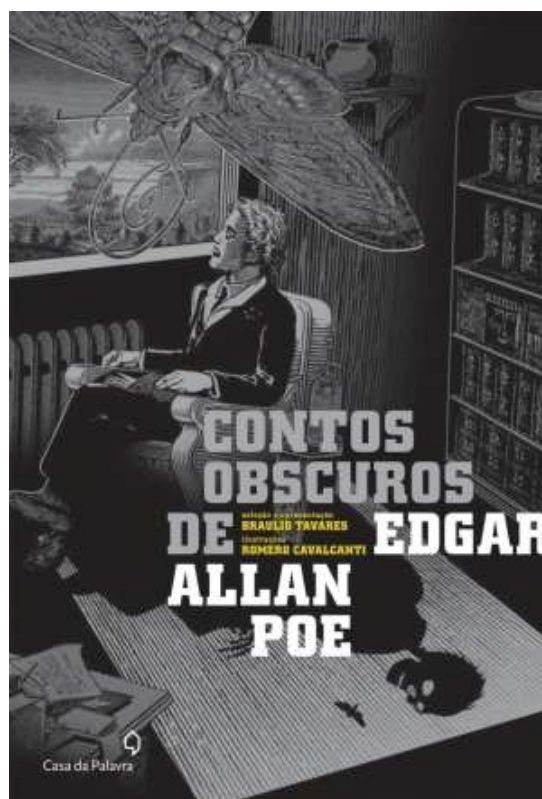
Ilustrado pelo artista plástico paraibano Romero Cavalcanti, Contos obscuros de Edgar Allan Poe reúne 16 contos pouco conhecidos, traduzidos e publicados do mestre do conto, o norte-americano Edgar Allan Poe e acaba por atender a busca permanente do próprio Poe: a diversidade. É ele quem diz: “Se todos os meus contos estivessem agora à minha frente e eu tivesse a incumbência de compor uma nova seleção, o critério que primeiro ocuparia minha atenção seria o de diversidade e variedade”.

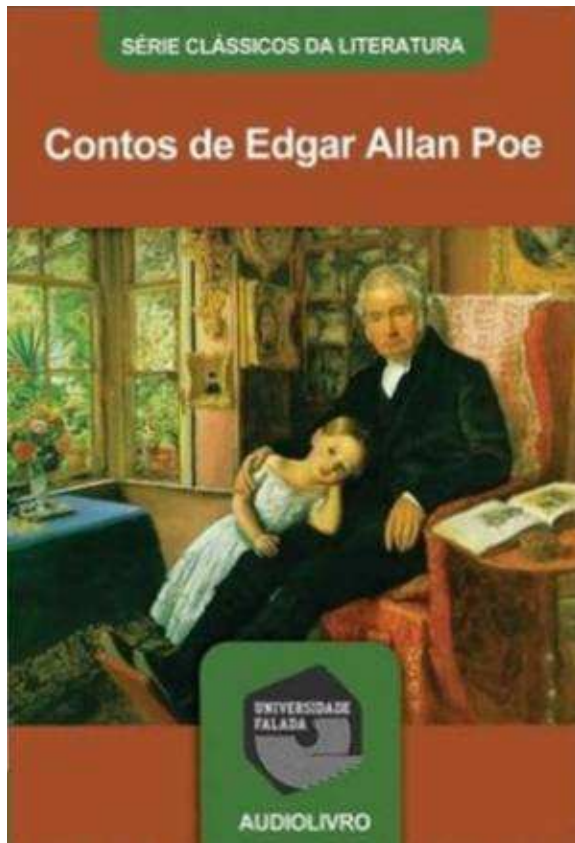
Valor: R\$ 45,00

Páginas: 216 – Casa da Palavra

Para adquirir, acesse:

www.livrariacultura.com.br





CONTOS DE EDGAR ALLAN POE - AUDIOLIVRO

Em "O gato preto", Poe apresenta um terror psicológico - Pluto, um apegado gato de estimação, aparentemente inofensivo, pode se tornar uma ameaça para o seu dono. E um homem atencioso e carinhoso pode se transformar em um ser atormentado e temível. Em "O corvo", descreve a amargura de um homem que perdeu sua mulher. E, com a companhia que lhe resta, expõe a solidão e a dor frente à inexorabilidade da vida. No final deste audiolivro apresenta-se uma biografia da vida de Edgar Allan Poe.

Valor: R\$ 25,00

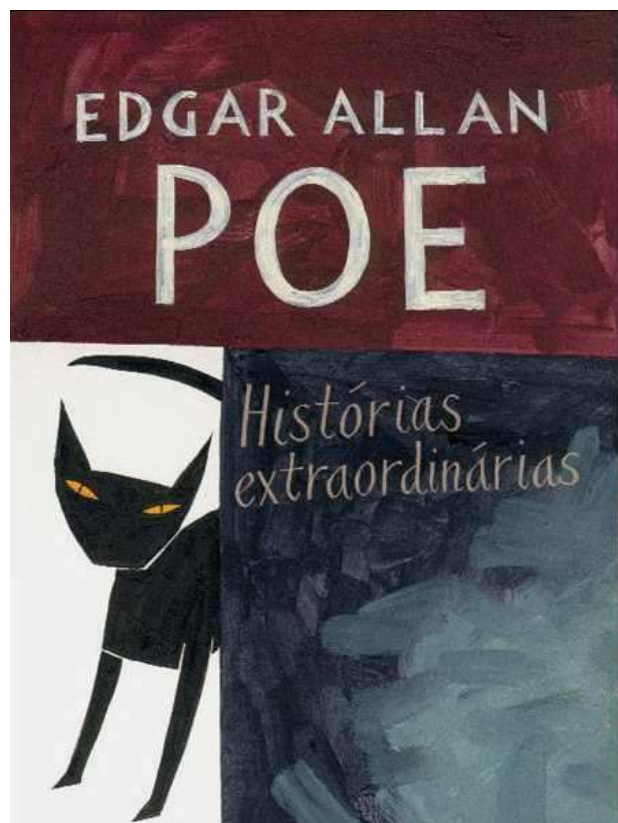
CD: 1h 20 min. – Universidade Falada
Para adquirir, acesse:
www.livrariacultura.com.br

EDGAR ALLAN POE – HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS

Nestes contos - selecionados e traduzidos por José Paulo Paes -, Edgar Allan Poe (1809-1849) imaginou algumas das mais conhecidas histórias de terror e suspense da literatura, tramas que migraram da ficção direto para o imaginário coletivo do Ocidente. É o caso de "O gato preto", a tenebrosa história de um assassinato malogrado, ou de "O poço e o pêndulo", que apresenta uma visão macabra da ansiedade da morte. Pioneiro dos contos de mistério, como "A carta roubada" e "O escaravelho de ouro", Poe deu a seus personagens notável profundidade psicológica.

Valor: R\$ 22,00

Páginas: 272 – Companhia de Bolso
Para adquirir o livro, acesse:
www.livrariacultura.com.br



DIVULGUE CONOSCO

Não fique parado, divulgue com quem realmente entende do assunto:



Divulgamos autores, livros, sites, blogs, editoras, sebos, livrarias, lançamentos, palestras, eventos, etc.

Saiba Mais. Acesse: http://www.divulgalivros.org/shopping_dl.htm



Edgar Allan Poe (1809-1849)

Ademir Pascale

ademir@cranik.com

www.twitter.com/ademirpascale

Elenir Alves

elenir@cranik.com

www.twitter.com/eleniralves

TERRORZINE NO TWITTER
www.twitter.com/TerrorZine

Capa: Marcelo Bighetti. E-mail: mbighetti@gmail.com

www.cranik.com

Para anunciar, divulgar seu livro ou patrocinar o TerrorZine, envie um e-mail com sua proposta para: cranik@cranik.com

® Todos os direitos reservados a Ademir Pascale e Elenir Alves - 2012
Cada autor responde pelo teor do seu miniconto, assim como plágio.